

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 282-306.

HISTÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: ROCHA POMBO E A GUERRA DO PARAGUAI NO MANUAL DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL (1900)ⁱ

(HISTORY, IMAGES AND REPRESENTATIONS: ROCHA POMBO AND THE PARAGUAY WAR IN DIDACTIC MANUAL HISTORY OF BRAZIL (1900))

DRA. ANA PAULA SQUINELO
Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
apsquineo@yahoo.com.br

CAMILLA DE SOUZA CORDEIRO CAMPELLO
Graduanda e Pibidiana do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
camillasccampello@gmail.com

RESUMO: Analisamos nesse artigo as Imagens e Representações construídas pelo autor Rocha Pombo em sua obra *História do Brasil* do ano de 1900; a edição que trabalhamos é a 9ª e foi publicada pela Editora Melhoramentos; dedicamos especial atenção aos conteúdos relacionados à temática da Guerra do Paraguai (1864-1870); para tal compreendemos o Manual Didático como fonte e objeto para o processo de investigação histórico e fundamentamos nossas reflexões a partir dos estudos de Alain Choppin e Circe Bittencourt. Pensar como e em qual contexto Pombo priorizou a narrativa sobre o conflito platino para pensar a “nação brasileira” faz parte também de nossas inquietações; no que tange as imagens apreciamos os mapas, as pinturas a óleo concernentes as batalhas e os retratos de personalidades elegidos por Rocha Pombo; buscamos compreender ainda a concepção de história que norteou os escritos desse autor na construção da narrativa histórica na obra *História do Brasil* (1900).

PALAVRAS-CHAVE: Rocha Pombo; Guerra do Paraguai; Manual Didático; História do Brasil (1900).

HISTÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: ROCHA POMBO E A GUERRA DO PARAGUAI NO MANUAL DIDÁTICO
HISTÓRIA DO BRASIL (1900),
DE ANA PAULA SQUINELO E CAMILLA DE SOUZA CORDEIRO CAMPELLO

ABSTRACT: We analyze in this article the images and representations by the author Rocha Pombo in his *História do Brasil*, published in 1900; the issue that work is the 9th and was published by Editora Melhoramentos; we devote special attention to thematic content related to the Paraguayan War (1864-1870); for that we understand the Didactic Guide as a source and object to the historical research process and base our reflections from the studies of Alain Choppin and Circe Bittencourt. Think how and in what context Pombo prioritized the narrative of the conflict platinum to think "Brazilian nation" is also part of our concerns; regarding the images appreciate maps, oil paintings concerning battles and personalities portraits chosen by Rocha Pombo; we seek to further understand the concept of history that guided the writings of this author in the construction of historical narrative in the work *História do Brasil* (1900).

KEYWORDS: Rocha Pombo; War of Paraguay; Didactic Manual; History of Brazil (1900).

O ensino de história é responsável, entre outros aspectos, por viabilizar a compreensão dos processos históricos, das experiências humanas vividas ao longo do tempo e um determinado espaço, contribuindo ainda para a transmissão de valores que se relacionam com a formação e postura social de cada indivíduo, segundo a afirmativa das autoras Schmidt e Cainelli:

[...] a História tem uma função didática de formar uma consciência histórica cada vez mais complexa, com a perspectiva de fornecer elementos para a orientação, interpretação do passado, pra dentro, construindo identidades, e para fora, fornecendo sentidos para ação na vida prática, no sentido proposto pelo que se entende de *literacia* histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 37)

A responsabilidade inerente ao ensino de história na formação histórica, social e cultural chamou a atenção dos pesquisadores inclusive ao que se refere ao Livro Didático de História e aos poucos, desde o século XX, essa área se consolidou como um campo de pesquisa.

Os aspectos que compõem o Livro Didático em suas múltiplas e diversas dimensões despertaram a atenção de parte de investigadores e de historiadores que

inicialmente se interessavam na análise dos conteúdos das obras da disciplina de história. No decorrer da década de 1970 ampliou-se os estudos sobre os manuais escolares e as perspectivas de abordagens foram tomando novos rumos, como por exemplo, a investigação do caráter mercadológico e ideológico que as edições didáticas assumem, entre inúmeros outros aspectos.

E é nesse sentido que observamos o crescente empenho por parte de pesquisadores que trabalham com o Livro Didático tomando-o como fonte e objeto de seus processos investigativos. Esse crescimento em parte explica-se em função da própria complexidade do objeto que abarca diferentes agentes em sua composição e se torna para o estudioso, um campo vasto de pesquisa, com múltiplas temáticas a serem abordadas, segundo atesta a afirmativa:

Os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou à semiologia da imagem. (CHOPPIN, 2002, p. 13)

Nesse sentido, o Livro Didático se torna ao mesmo tempo uma fonte rica e complexa que atrai o/a pesquisador/a que se propõe a enfrentar desafios e percorrer um longo caminho; tendo em vista tal perspectiva elencamos para refletir sobre essas questões que permeiam o ensino de história o Manual Didático intitulado *História do Brasil* datado de 1900 de autoria de Rocha Pombo e publicado pela Editora Melhoramentos; o recorte temático que definimos refere-se aos conteúdos concernentes a Guerra do Paraguai (1864-1870).

O conflito platino foi transformado pelas elites nacionais em símbolo nacional, assim como a moeda e a bandeira e fez parte do projeto político de formar uma identidade nacional. Portanto, as análises dos conteúdos historiográficos sobre a Guerra do Paraguai fundamentam esta investigação à medida que possibilita construir o diálogo no que diz respeito as posições ideológicas presentes nos manuais didáticos e que se reproduzem na memória da nossa sociedade. De acordo com a autora Gasparello:

Os textos didáticos permitem ainda compreender como, nos recantos privilegiados das elites no poder, o esforço de vigilância e

controle dos corações e mentes dos brasileiros, mesmo os situados próximos a essa elite, foi tarefa levada a sério e efetivada por diversos segmentos e escaninhos da rede de relações pessoais e institucionais. (GASPARELLO, 2003, p. 7)

Diversos agentes, como por exemplo, políticos, intelectuais, pesquisadores e escritores que faziam parte da elite brasileira do início da República, fizeram dos materiais didáticos vias de propagação de suas ideias e no que tange o interesse da pesquisa de compreender as construções históricas no ensino é fundamental considerar e analisar também o papel de instrumento ideológico que os manuais didáticos assumem.

Para a construção dessa reflexão realizamos o levantamento bibliográfico de teses, artigos, dissertações e livros que se pautavam na reflexão da temática apresentada, a saber o Livro Didático como objeto e fonte de pesquisa, e posterior trabalho especificamente com o manual didático *História do Brasil*, o autor Rocha Pombo e a Guerra do Paraguai; em seguida procuramos compreender as explicações

historiográficas no que tange em especial a Guerra do Paraguai. Segundo Squinelo:

Desde o término da Guerra do Paraguai, ocorrido em fins do século XIX e, sobretudo, no decorrer do século XX, este conflito passou a ser alvo de inúmeras manipulações ideológicas, estando sujeito ao sabor das interpretações históricas que, via de regra, atendeu a contextos políticos específicos e interesses oficiais, não só no Brasil, como também na Argentina, no Paraguai e no Uruguai. (SQUINELO, 2011, p. 20)

Tais apontamento são relevantes tendo em vista que um dos objetivos é compreender as concepções de história que estão ancoradas no ensino, sobretudo no discurso de Rocha Pombo sobre a Guerra do Paraguai no manual didático *História do Brasil* e que nos permite compreender, entre outras questões, as construções históricas a respeito da nação brasileira.

UMA ABORDAGEM NO CAMPO INVESTIGATIVO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Durante a formação dos Estados Modernos, ocorrida ao longo do século XIX, para além da uniformização e padronização do ensino, o Livro Didático se constituiu em um instrumento de propagação de histórias, memóriasⁱⁱ e ideologiasⁱⁱⁱ.

O campo de estudos sobre os livros e coleções didáticas ocupam um espaço recente entre os pesquisadores que se interessam pelo ensino de História; a opção pelo estudo em questão se deu a partir da segunda metade do século XX; de acordo com Bittencourt:

Com o término da 2ª Guerra Mundial a preocupação com o livro didático de História tornou-se manifesta por intermédio de instituições internacionais, em especial a Unesco, empenhando-se no sentido de favorecer mudanças nas produções escolares de diferentes países, sobretudo naqueles que haviam participado do conflito internacional. (BITTENCOURT, 2001, p. 489)

A preocupação se pautava nas consequências do pós-guerra e no caráter ideológico da história que iria se propagar através do ensino; nesse sentido os trabalhos investigativos desenvolveram-se com a intenção de

denunciar conteúdos escolares que reafirmassem a intolerância e preconceitos.

Neste contexto, a abordagem da pesquisa sobre os Livros Didáticos em um primeiro momento se interessou pela ideologia e visões de mundo presentes em determinada obra. De acordo com Choppin:

A análise científica dos conteúdos é marcada por duas grandes tendências: a primeira, por muito tempo privilegiada pelos pesquisadores e que continua ainda na atualidade, refere-se à crítica ideológica e cultural dos livros didáticos; a segunda, mais recente, mas que tem sido cada vez mais considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo dos livros didáticos segundo uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática. (CHOPPIN, 2004, p. 555)

As rupturas na construção do conhecimento histórico fizeram com que os conteúdos escolares, projetos gráficos e editoriais, autores, autoria, entre outros, se transformassem também objeto de análise; nesse contexto cabe ressaltar que a partir do século XX as mudanças ocorridas em relação a historiografia e ao ensino de História, impôs aos pesquisadores a

necessidade de repensar também o significado dos materiais didáticos.

A trajetória da pesquisa sobre o Livro Didático ao longo dos anos incorporou novas perspectivas de abordagens e isso fez com que a partir das décadas de 1970/1980 crescesse o interesse por este campo de estudo. Sobre tais questões Alain Choppin apontou que:

Nos anos 1970 opera-se, progressivamente, uma mudança de perspectiva na análise de conteúdo dos antigos manuais escolares. As dificuldades vividas então pelos principais sistemas educativos ocidentais levam os pesquisadores a se interrogarem sobre as finalidades do ensino, sobre seus conteúdos e métodos e, entre outras coisas, a colocarem aos antigos manuais escolares questões de natureza epistemológica e didática propriamente dita: qual(s) discurso os manuais sustentam sobre determinada disciplina e sobre seu ensino? Qual(s) concepção(s) de história, qual(s) teoria(s) científica(s) ou qual(s) doutrina(s) lingüística(s) representam ou privilegiam? Qual o papel que atribuem à disciplina? Que escolhas são efetuadas entre os conhecimentos? Quais são os conhecimentos fundamentais? Como eles são expostos, organizados? Quais métodos de aprendizagem

(indutivo, expositivo, dedutivo, etc.) são apresentados nos manuais? (CHOPPIN, 2004, p. 558)

Tais problemáticas levantadas contribuíram para nortear as novas pesquisas sobre o Livro Didático que configuraram na ampliação da concepção a respeito do manual didático. Antes negligenciado pelos historiadores a partir dessas mudanças no cenário de investigação, o Livro Didático se tornou o objeto de pesquisa preferido entre muitos pesquisadores; destacamos ainda que a perspectiva que se abriu com a discussão em torno dos vários sujeitos constituintes da História impôs novas abordagens, perguntas e problematizações relacionadas ao livro escolar.

À análise do livro ou coleção didática foi acrescida, portanto, de outras inquietações, todos os aspectos que fazem parte do processo da construção do material didático são objetos de investigação, desde contratos de autores e editoras, perpassando as ações governamentais, aspectos gráficos, biografia do autor, etc.

Com relação ao campo de pesquisa sobre o Livro Didático, são encontradas algumas dificuldades, como por exemplo, as abordagens temáticas que são

múltiplas, e a própria definição do objeto, aspectos esses que tornam a pesquisa nessa área ainda mais instigantes.

No que tange ainda as dificuldades deste campo investigativo, relaciona-se a própria definição do Livro Didático como objeto de pesquisa; para Choppin: “Alguns pesquisadores se esforçam em esclarecer essas questões e estabelecer tipologias, mas constata-se que na maior parte deles se omite em definir, mesmo que sucintamente, seu objeto de estudo”. (CHOPPIN, 2001, p. 549)

O segundo obstáculo relaciona-se ao caráter recente do campo de pesquisa e acesso a trabalhos que abordam essa temática. Por ser um campo inovador, existe a dificuldade no levantamento bibliográfico e até mesmo as obras de referência não abrangem toda a produção didática.

Visto por professores e pesquisadores como instrumento de propagação de ideologias, o Livro Didático também assume o caráter mercadológico e para além é considerado responsável por transmitir conhecimentos históricos, saberes, habilidades e valores sociais, além de participar do processo de sociabilização da juventude. Segundo Bittencourt, “um aspecto fundamental a ser considerado em análise

sobre materiais didáticos é seu papel de instrumento de controle do ensino por parte de diversos agentes do poder”. (BITTENCOURT, 2004, p. 229)

Nesse sentido é fundamental se debruçar sobre as abordagens históricas, ideológicas e sobre as relações de produção presentes na constituição dos manuais didáticos, a fim de compreender as relações que permearam a formação histórica, cultural e social de cada indivíduo.

A GUERRA DO PARAGUAI NO SABER E NO FAZER HISTÓRICOS

A atuação brasileira no conflito platino que ocorreu entre os anos de 1864 e 1870 envolvendo quatro nações, a saber: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, proporcionou a formação de ícones, imagens e estereótipos que estiveram ligados aos interesses de um grupo específico da sociedade, composto por intelectuais, políticos e pessoas influentes.

O ensino sobre a Guerra do Paraguai no início do século XX foi caracterizado por privilegiar e enaltecer a atuação do Império brasileiro e construir no imaginário desta nação, o sentimento de patriotismo. Alguns autores que escreveram para instituições de ensino no

início da República, contribuíram para enraizar ícones e símbolos na nação brasileira; de acordo com Squinelo:

Os educandos que passaram pelos bancos escolares naquela época aprenderam que a nação brasileira cumpriu “grande e significativa missão” na Guerra do Paraguai, isto é, libertou a população do “tirano” paraguaio – Francisco Solano López – que, de acordo com esses escritos, dominava e governava o Paraguai como uma propriedade particular, mantendo também a população em constante ameaça e opressão. Muitos dos cidadãos brasileiros aprenderam seguindo essa linha de reflexão a idolatrar a Pátria a qual pertenciam como também os heróis que figuravam em seu panteão nacional; no contexto da Guerra aprenderam a idolatrar Duque de Caxias, Conde d’Eu, D. Pedro II, entre inúmeros outros que se relacionam ao conflito guarani; em contrapartida foram ensinados a criar certo tipo de rancor em relação aos governantes paraguaios, e o que é mais grave, um determinado tipo de preconceito em relação a tudo que se referia e se refere à nação paraguaia. Cabe ressaltar que parte desse preconceito é mantido até os dias atuais. Como exemplo desse momento histórico, aponto obras conhecidas como as de Dionísio

Cerqueira (19--?), Tasso Fragoso (1956) e Rocha Pombo (1960). (SQUINELO, 2011, p. 21)

A historiografia tida como tradicional ou oficial, compreende os anos pós-guerra até meados da década de 1960, e apresentou como as principais causas do conflito o fato de que para D. Pedro II, por exemplo, Solano López tinha planos expansionistas que deveriam ser contidos. Nessa perspectiva a figura de Francisco López aparece nas narrativas escolares como um sanguinário e “à medida que a Guerra foi de desenvolvendo, tornou-se, tanto para o Brasil como para a Argentina, uma guerra pela civilização contra o barbarismo”. (SQUINELO, 2011, p. 17)

Por essa via discursiva, as batalhas, os heróis e os grandes feitos que enobreceram sobretudo o Exército brasileiro, Instituição que havia se consolidado com a guerra, são enaltecidos por produções de cunho predominante militar. No que tange à historiografia tradicional, Squinelo apontou ainda:

[...] em linhas gerais, essa primeira produção que se iniciou logo após o conflito platino legou uma visão sobre a Guerra na qual foi consagrada a vitória brasileira, tendo o exército imperial, em nome de D. Pedro II, “cumprindo

com sua missão” ao “libertar o Paraguai do governo de um tirano”; para tal incumbiu-se de registrar as glórias do Império brasileiro representada nas grandes batalhas e nos feitos heroicos. (SQUINELO, 2008, p. 2)

A história sobre este conflito é marcada por um conjunto e jogo de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais que ao longo dos anos permeiam os diferentes discursos sobre essa guerra e configuram um quadro historiográfico no mínimo peculiar, com relação as produções e seus respectivos momentos; isso vale ressaltar não só no Brasil, mas também no Paraguai, Argentina e Uruguai.

Durante um período significativo que compreende o pós-guerra, a versão tradicional sobre o conflito era a única interpretação apresentada; tal quadro explicativo perdurou até meados da década de 1960 contexto no qual se delineou no cenário historiográfico outra corrente que viria se opor a historiografia oficial; tal momento foi marcado sobremaneira pela obra *Genocídio Americano* de Julio José Chiavenato, publicada no ano de 1979. De acordo com Chiavenato:

Durante mais de cem anos pairou uma onda de mentiras sobre a Guerra do Paraguai. Junta-se a

essa onda de mentiras um silêncio criminoso, procurando ocultar de todas as formas possíveis o que foi aquela guerra, o que representou para os povos envolvidos e, principalmente, como, por sua causa, o Brasil e a Argentina (levando o Uruguai de contrapeso) ficaram definitivamente colonizados pelo capital Inglês. (CHIAVENATTO, 1987, p. 9)

A historiografia revisionista que têm seu ápice nos anos de 1970/1980 procurou culpar as forças imperialistas pela origem do conflito. De acordo com essa interpretação, o Paraguai passou a ser visto como uma nação em pleno desenvolvimento, possível de ser dominado pelo capitalismo e, a figura de Solano López passou ser a de vítima. “Essa interpretação está muito ligada às concepções correntes na esquerda latino-americana das décadas de 1960 e 1970. Pensava-se naqueles anos que os problemas do continente resultavam basicamente da exploração imperialista”. (FAUSTO, 2010, p. 209)

O revisionismo provocado pelas tendências ascendentes esquerdistas, permearam as produções historiográficas sobre a Guerra do Paraguai, porém essa vertente que reduziu sua interpretação, voltando-as as questões econômicas, não levou em consideração as

peculiaridades de cada nação, como por exemplo, os processos políticos internos que causavam desestabilidade e tensões na região.

A partir dos anos de 1980 desenvolveu-se uma corrente de estudos pertinente ao conflito platino conhecida como neorrevisionista que se debruçou sobre outros aspectos, a fim de compreender a Guerra sobre outros vieses; dessas pesquisas foram produzidos trabalhos com a temática sobre os negros, mulheres, indígenas, cotidiano, doenças, a situação geopolítica no Prata, o posicionamento de outras nações latino-americanas sobre o conflito, os manuais didáticos, a imprensa, entre outras questões, que permearam os anos de batalhas. Segundo a afirmativa de Squinelo, a historiografia neorrevisionista:

Apresenta dessa forma interpretações que vão além da dicotomia causas e consequências, culpado e inocente, bem ou mal... Passeiam pelas margens do conflito, pelo cotidiano, pelos protagonistas, pelos sujeitos históricos, buscando evidências que levam a compreensão da Guerra como um processo articulado às questões políticas, sociais, econômicas e culturais. Outros estudos ainda tratam de pensar a guerra como um instrumento

ideológico e analisar tais construções articulando com o pensar as estruturações que se elaboram em torno dos conceitos de memória e de identidade. (SQUINELO, p. 2008, p. 7)

Tais interpretações para a Guerra do Paraguai romperam de certa forma com a abordagem apresentada pela historiografia tradicional à medida que elencou novas fontes e lançou novos olhares com a proposta de se compreender o conflito, incorporando aspectos diferenciados, voltados às margens do cenário da guerra e buscando novas vertentes explicativas, novas interpretações e novos sujeitos e não apenas compreender as relações políticas e econômicas, mas também as sociais e culturais que se estabeleceram nos anos de guerra e se perpetuaram com o passar do tempo nas nações envolvidas; alguns autores como por exemplo Francisco Doratioto, Ricardo Salles, Jorge Prata, Divalte Figueira, Mauro César Silveira, entre outros estão inseridos nessa vertente.

O MANUAL DIDÁTICO “HISTÓRIA DO BRASIL” E A INTERPRETAÇÃO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

A educação segundo a perspectiva de Rocha Pombo era fundamental para elevar a sociedade, pois o autor defendia a instrução pública e para todos, acreditava que a nação deveria acompanhar o movimento o qual a sociedade estava passando com a instauração da República. Nesse sentido, Rocha Pombo atribuiu à educação a responsabilidade da formação de identidade e concepções ideológicas. Para Silva:

Ao analisar as notas de viagens como fonte e objeto, buscam-se mapear defesas em relação à existência de diferentes instituições educativas para crianças, mulheres e desvalidos, sujeitos que na perspectiva do intelectual, precisavam educar-se para elevar o país como grande nação, nos trilhos do progresso anunciados como República. (SILVA, 2012, p. 37)

O escritor José Francisco da Rocha Pombo^{iv}, nasceu em Morretes, interior do atual estado do Paraná em 4 de dezembro de 1857. Ainda jovem ingressou no magistério das primeiras letras, atuou também na produção de artigos relacionados ao ensino e os publicou em periódicos. De acordo com Tavares, Rocha Pombo:

No meio jornalístico teve seu primeiro artigo publicado na revista “*Fluminense*”, de José Serafim Alves. Foi responsável pela fundação e direção, aos 22 anos, do jornal semanal, “*O povo*”, na própria cidade de Morretes. Nas páginas desses periódicos, costumava defender a Abolição e a República. (TAVARES, p. 2011, p. 4)

Enquanto intelectual Rocha Pombo é concebido como produtor de bens simbólicos, mediador cultural e ator político, engajado na vida social e nos locais de produção e divulgação de conhecimento, além de promover debates voltados para as questões de instrução sobretudo para a população mais desfavorecida.

Em 1897 mudou-se para a capital Rio de Janeiro e a partir de então, passou a fazer parte de círculos intelectuais da cidade. A fim de se estabelecer e permanecer no campo intelectual atuou como poeta, historiador, professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal, foi membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e jornalista.

Residindo na província ao final do século XIX enquanto pensador e escritor era pouco conhecido nos círculos intelectuais ditos consagrados, porém o

intelectual operou com veemência nas causas em torno da educação.

Rocha Pombo apontava para a preocupação com a instrução popular, pois acreditava ser fundamental para a formação da identidade do povo brasileiro, conjugando com a necessidade da criação de escolas, apostando ser a solução de problemas sociais; nesse sentido, Pombo defendia que as instruções secundárias, preparatórias e superiores deveriam ser competência do Estado.

Segundo Oliveira: “[...] sua produção de livros, sobretudo os didáticos, lhe conferiu um papel de destaque no pensamento sócioeducacional brasileiro entre o final do séc. XIX e o início do XX” (OLIVEIRA, 2013, p. 3). Desde que mudou para o Rio de Janeiro, seu campo de atuação intelectual foi a produção de obras de cunho historiográfico didático e na imprensa destacando-se as voltadas para o ensino.

Mesmo com uma produção intelectual vasta e a atuação em diversos setores do poder, o escritor paranaense por possuir ideias consideradas libertárias era posto as margens do campo dos grandes pensadores, porém permaneceu em constante luta para se estabelecer nesse meio e sua trajetória foi de certa forma reconhecida por seus pares em 16 de março de

1933 quando foi eleito pela Academia Brasileira de Letras o terceiro ocupante da Cadeira 39 na sucessão de Alberto de Faria.

O destaque na produção da escrita atribuído a Rocha Pombo refere-se ao trabalho realizado em escrever a história do Brasil. O autor se empenhou em uma longa jornada pelo país visitando onze Estados brasileiros a fim de buscar informações pertinentes ao seu projeto de construção da história do Brasil, do modo como acreditava que deveria ser; de acordo com Nascimento:

Seu projeto mais ambicioso foi, A História do Brasil, com dez volumes, iniciada em 1905 e apenas finalizada com os dois últimos números em 1917. A sua recepção, em um meio essencialmente positivista, predispôs a uma reação negativa, proveniente sobretudo de Capistrano de Abreu que acusou a pouca preocupação do autor no tratamento com as fontes. Ou seja, o princípio científico e de pesquisa propalado pela vertente positivista estaria ausente no modelo historiográfico da coleção. A alegação de Rocha Pombo incidiu sobre a ideia de que a história brasileira deveria ser a história do povo em lugar da enumeração de batalhas, acontecimentos políticos e

biografia de reis, modelo que já não mais se justificava. (NASCIMENTO, 2013, p. 3)

Ressaltamos que a metodologia empregada por Pombo no seu trabalho historiográfico foi criticada por pesquisadores da época conforme citado acima, pois o historiador não se prendia em apenas documentos ditos como oficiais, geralmente encontrados em instituições oficiais. No que tange a seleção de documentos para elucidar suas ideias a respeito da formação da nação brasileira, Rocha Pombo chamou a atenção por formar um campo amplo de fontes. Para Santos:

Rocha Pombo constituiu, portanto, um exemplo de trabalho de historiador no qual aquilo que mais determina sua prática vai além, sem evidentemente jamais excluir, todo o debate exclusivamente “oficial” em torno da História, sua teoria e seus conceitos, ao qual, contudo, ao teorizar, o mesmo procurava se remeter. E vai além rumo ao vulgar, que não se podia assumir impunemente no espaço da produção profissional do saber. (SANTOS, 2008, p.7)

HISTÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: ROCHA POMBO E A GUERRA DO PARAGUAI NO MANUAL DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL (1900),
DE ANA PAULA SQUINELO E CAMILLA DE SOUZA CORDEIRO CAMPELLO

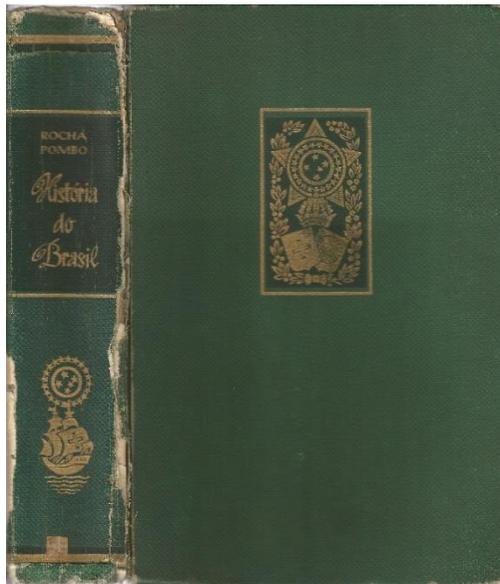


Imagem 1: Capa do livro História do Brasil. Tamanho: 15,5 x 23,5 cm; Capa dura em verde escuro e detalhes em dourado.

Segundo Silva: “Ademais, na operação escriturária empreendida por Rocha Pombo nota-se que a história é compreendida como matriz explicativa, que confere estatuto de verdade e de racionalidade ao discurso expresso pela escrita”. (SILVA, 2012, p. 43)

O discurso de Rocha Pombo a respeito da Guerra do Paraguai permite compreender a formação dos ícones e

dos símbolos que permeiam a memória e a identidade do povo brasileiro.

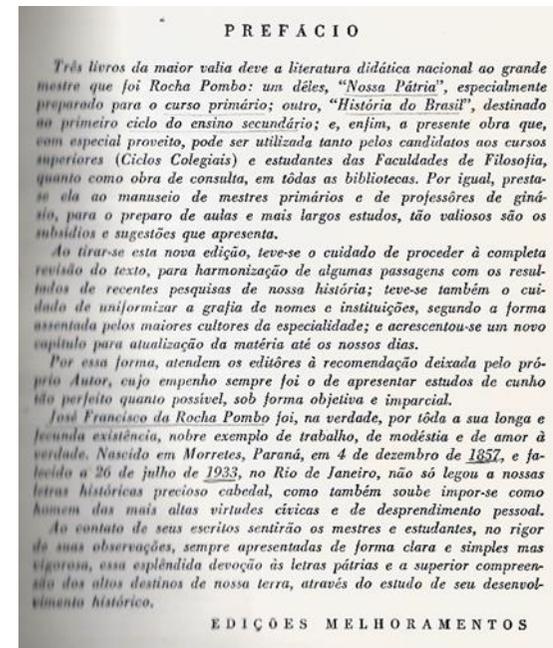


Imagem 2: Prefácio, do livro História do Brasil, de autoria de José Francisco de Rocha Pombo destinado ao ensino secundário, 9ª edição, publicado em 1960 pela Editora Melhoramentos, impressão preta e branca.

Nesse sentido o interesse pelo manual didático *História do Brasil* datado de 1905 voltado para a educação secundária deve-se a sua grande aceitação e duração nos espaços de instrução, sendo responsável por educar gerações e gerações.

Conforme apontado no prefácio a obra *História do Brasil* para além da formação do ciclo de ensino secundário uma questão que nos chamou a atenção foi a quantidade de edições publicadas (a que consultamos é a 9ª), o que nos fornece indícios de sua ampla aceitação e permanência na rede de ensino; destacamos ainda que a obra é indicada para os estudos de ensinos superiores e não somente para a área da História. Para Oliveira, os manuais didáticos de Rocha Pombo “(...) indicam que sua produção didática de História foi reeditada até a década de 1970 sendo assim possível identificar sua enorme popularidade no que concerne a elaboração do estudo pátrio”. (OLIVEIRA, 2013, p. 8)

Outra questão a ser levantada é a contradição encontrada na intenção do autor de produzir estudos objetivos e imparciais e o seu discurso que no decorrer da obra apresenta considerações pessoais e juízo de valores.

Por essas vias discursivas inserimos a análise da edição didática elencada para a compreensão das

questões relacionadas ao ensino sobre a Guerra do Paraguai e a formação da identidade brasileira através da construção história do autor José Francisco de Rocha Pombo.

De acordo com Squinelo:

No Brasil a temática envolta a Guerra do Paraguai foi objeto de interesse investigativo desde seu término. Após a década de 1870 proliferou uma produção do conflito que estava ligada a escrita de uma história de viés positivista e produzida, em sua maioria, por protagonistas do conflito. Tais análises privilegiaram os aspectos políticos, diplomáticos e estratégicos como eixos explicativos da Guerra: descrição das batalhas, estratégias de combate, atuação de comandantes, por exemplo, são temas correntes nessa interpretação. Nesse contexto buscou-se legitimar a atuação do Império brasileiro na Guerra e, ao mesmo tempo, construir uma ideia negativa do Paraguai e de seu governante Francisco Solano López. (SQUINELO, 2014, p. 264)

As análises da Guerra produzidas e legitimadas nesses escritos, foram consagradas e propagadas por

pensadores e, sobretudo, pelos produtores de textos didáticos, como no caso de Rocha Pombo.

O manual didático produzido por Rocha Pombo para o ensino secundário no ano de 1905 é composto por 24 capítulos e uma sessão nomeada de “Quadro sinóptico da nossa história”, contemplando às páginas 493 a 502, dividindo os fatos em ordem cronológica e por partes que vão do primeiro século (XVI) à Primeira metade do século XX.

O Capítulo sobre a Guerra do Paraguai é o décimo primeiro e compreende as páginas que vão das 432 a 444, 12 ao total, portanto foram destinadas ao tema em questão; sendo que o livro possui um total de 505 páginas. A temática está referenciada na sessão do “Quadro sinóptico da nossa história”, como “Guerra contra López do Paraguai”.

Na imagem abaixo observa-se que o conflito platino foi apresentado de forma bem resumida, dispondo os fatos ocorridos no período da guerra de forma linear e já de início intitulando López como tirano e o culpado pelo conflito. Também nesse quadro sinóptico são mencionadas as ações do exército brasileiro, como a Batalha de Riachuelo^v que foi pintada por Vitor Meireles^{vi} e que se tornou uma das obras de arte

referência da Guerra do Paraguai e presente nos manuais didáticos mais antigos até os livros atuais.

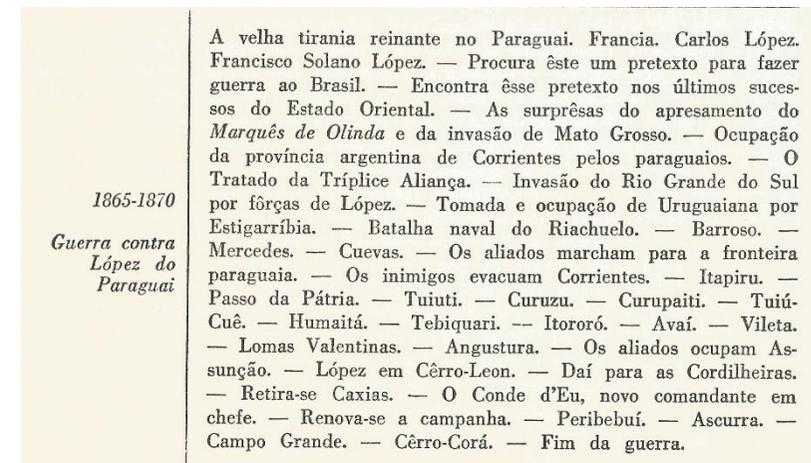


Imagem 3: “Quadro sinóptico da nossa história” e a temática que se refere a Guerra do Paraguai, pontuada como a “Guerra contra López”. POMBO, Rocha. História do Brasil. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p. 500.

As imagens utilizadas neste Livro Didático de História cumprem a função apenas de ilustrar as batalhas sem articulação com a parte escrita. No caso do Livro Didático analisado na fração que se refere ao conflito platino encontramos imagens de pinturas

consagradas, como a Tomada de Paissandu, a Batalha de Campo Grande de autoria do pintor Pedro Américo, a imagem de Francisco Solano López (líder paraguaio) e a de um mapa.

Aventamos a hipótese de que foi investido pela editora dos irmãos Weiszflog a utilização de imagens, como quadros históricos e mapas para compor a obra, a fim de tornar a compreensão histórica mais ampla, uma vez que o livro *História do Brasil* é destinado ao ensino secundário e níveis superiores, como foi apontado no prefácio; sobre tal questão Silva apontou que:

Assim como nos demais livros didáticos da parceria Rocha Pombo/Weiszflog Irmãos, são abundantes as gravuras, os quadros de pintores consagrados, os mapas históricos, despertando especial atenção à inserção de documentos escritos, tais como ofícios, cartas e recortes de jornais diversos, que, em muita medida se relacionam nos entendimentos de fazer a história no período. (SILVA, 2012, p. 190)

Nota-se que há uma carência de diálogo entre o texto e as imagens utilizadas; nesse sentido a intenção de promover o conhecimento e a assimilação do

conteúdo por intermédio desta linguagem não se torna possível.

O uso das imagens pode servir para atrair e seduzir o maior número de leitores, uma vez que no período das publicações dos Livros Didáticos de Pombo a impressão de imagens em suas páginas era algo inovador e que chamava atenção do público.

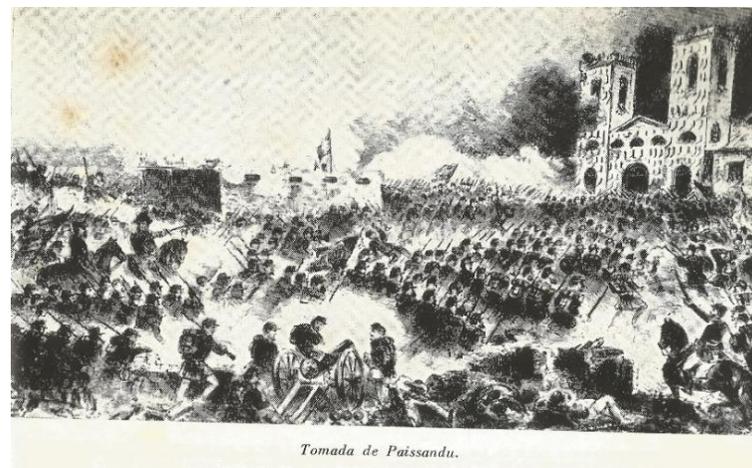


Imagem 4: Obra intitulada Tomada de Paissandu, POMBO, Rocha. História do Brasil. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p.440.

Durante as batalhas que se configuraram nos anos de Guerra a tomada de Paissandu significou a intervenção do Império brasileiro no Uruguai que havia promovido uma campanha contra o presidente uruguaio, Aguirre. Esse episódio representou uma das vitórias do exército brasileiro, como também a batalha de Riachuelo que segundo Bethell, foi a: “única batalha naval da Guerra que realmente foi importante, a marinha brasileira destruiu a marinha paraguaia e instituiu um efetivo bloqueio ao Paraguai, mantido até o final da guerra”. (BETHELL, 1995, p.19)



Batalha do Riachuelo. — Quadro de Vitor Meireles.

Imagem 5: Batalha de Riachuelo do autor Vitor Meireles. POMBO, Rocha. História do Brasil. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p.441

As referidas batalhas apontadas no manual didático têm por finalidade enaltecer as vitórias do exército brasileiro e, por conseguinte engrandecer o Império brasileiro. O autor Rocha Pombo possuía o interesse na formação de uma identidade nacional e se empenhou para que suas investigações fortalecessem esse processo.

Nesse sentido os escritos de Rocha Pombo contribuíram para a formação e legitimação de memórias sobre o conflito platino que se transformaram em símbolos e ícones nacionais. Além da construção histórica realizada pelo autor sobre o conflito, seus discursos esboçaram em diversos momentos as opiniões do intelectual e acabaram despertando além do conhecimento histórico, sentimentos e julgamentos.



Batalha de Campo Grande. — Quadro do pintor Pedro Américo.

Imagem 6: Batalha de Campo Grande de Pedro Américo.
POMBO, Rocha. *História do Brasil*. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p. 441.

No que diz respeito a figura de Solano López esta é inserida no texto de forma pejorativa; o líder paraguaio é representado como o responsável pela grande Guerra e principalmente pelo que atestou o autor: “E’ o ditador do Paraguai, Francisco Solano López, que vai renovar as pretensões de Rosas, de formar no Prata um grande império, rival do Brasil. Para isso prepara-se solícita, mas dissimuladamente; só aguardarva agora, um pretexto para entrar em cena”. (POMBO, 1900, p. 433)

Ao que tange aos motivos que levaram ao estopim da Guerra do Paraguai os escritos oficiais os quais Rocha Pombo utilizou como fonte apontam de acordo com sua análise que López tinha intenção de expandir seu domínio na região do Prata; sobre essa temática Boris Fausto afirmou que:

Especula-se muito sobre as razões que teriam levado Solano López a iniciar o conflito, com o risco de provocar a união contra o Paraguai de dois velhos rivais – o Brasil e a Argentina. Aparentemente, ele esperava neutralizar as ameaças de seus poderosos vizinhos e

transformar o Paraguai em uma força no jogo político. (FAUSTO, 2010, p. 213)

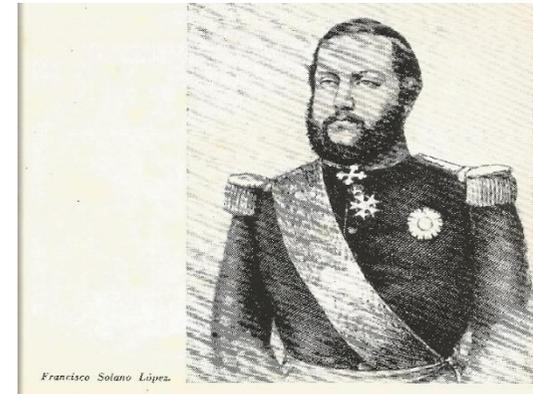


Imagem 7: Francisco Solano López, considerado por Pombo como ditador do Paraguai. POMBO, Rocha. *História do Brasil*. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p. p.440

As narrativas produzidas nesse período compreendem que o conflito teve seu estopim após a atitude do governo brasileiro de invadir a capital do Uruguai. Tal investida teria provocado a reação de López que reagiu ocupando a província de Mato Grosso, deflagrando a Guerra. O mapa inserido no texto refere-se ao conflito como sendo “Guerra do Paraguay e Uruguay (1864 – 1870)”, retratou a rede de rios que compõe o estuário do Prata e pontuou as capitais do

Paraguai, Uruguai e Argentina, entretanto este recurso é difícil leitura e interpretação em função da sua má qualidade de impressão.

A partir da análise feita do discurso de Rocha Pombo sobre o conflito Platino, a construção histórica realizada pelo autor, privilegiou os fatos de forma linear e cronológica, enumerando as grandes batalhas e as conquistas do exército e do Império brasileiro. Nesse sentido, o texto didático menciona as principais figuras do litígio, como almirante Tamandaré, Duque de Caxias, General Osório e Conde d'Eu.

Por fim o Livro Didático não apresentou propostas de exercícios que possam auxiliar no entendimento sobre a temática, apenas inseriu ao final do Capítulo uma sessão intitulada “questões conexas” na página 449, trazendo algumas palavras que se refere ao contexto da batalha, como por exemplo: Reconstituição política do Paraguai; Nova fase da guerra de 1869 em diante; Peruíbe; Campo Grande. Cêrro-Corá; A morte de López; Fim da Guerra.

A proposta historiográfica atende os principais interesses dos governantes e pensadores da época que se vincula ao projeto de formar uma identidade nacional a partir de símbolos, imagens e memórias, nesse caso em especial os relacionados a Guerra do Paraguai.

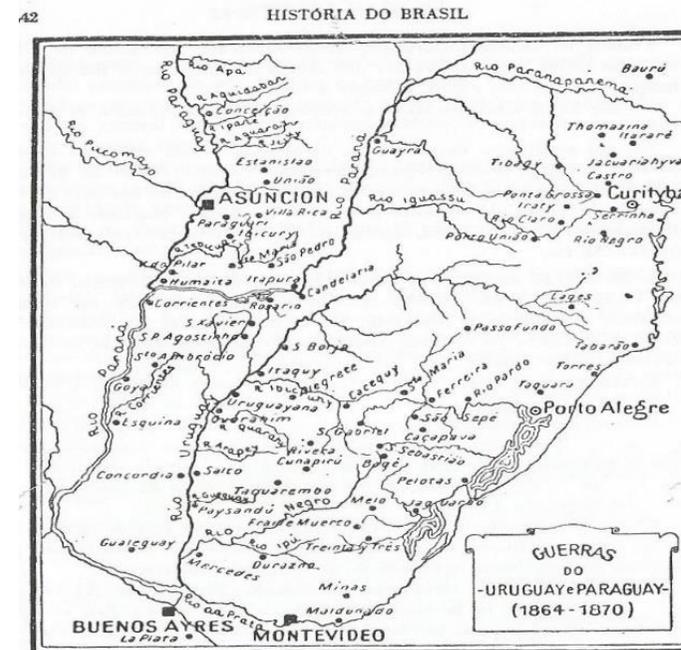


Imagem 8: Mapa das Guerras do Paraguai e Uruguai (1864-1870). POMBO, Rocha. História do Brasil. 9ª ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960, p. 442.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história em suas distintas dimensões no caso em análise o manual didático *História do Brasil* de José Francisco de Rocha Pombo atendeu aos interesses do projeto político da elite brasileira do início do século XX de construir um sentimento de nação, de formar uma identidade nacional, além de transformar a recém República, em uma pátria a ser idolatrada, como também estabelecer ícones a partir das lutas travadas nos campos de batalha.

Por décadas gerações foram educadas segundo a concepção de história política e as perceptivas de instrução e formação intelectual desses grupos seletos. Para maior compreensão sobre a abrangência e perpetuação dessas memórias e as concepções de história é preciso realizar um estudo comparativo entre as obras didáticas adotadas no ensino da recém República e os Livros Didáticos contemporâneos. Por essa via discursiva, podemos analisar e compreender as permanências e rupturas que se fazem presentes no ensino de história sobretudo a respeito da Guerra do Paraguai.

No que tange ao discurso didático produzido por Rocha Pombo este é apresentado de forma cronológica e linear, além de explicitar em determinados momentos as opiniões do autor; as fontes utilizadas para a composição de seus escritos foram documentos oficiais e relatos de ex-combatentes. O intelectual se preocupou em produzir uma história oficial e que fizesse sentido para a nação que se construía. Nesse sentido, o conflito platino teve uma importância significativa na formação do imaginário da sociedade brasileira e para além permitiu a perpetuação de uma memória e um sentimento coletivo.

Conclui-se, portanto, que o interesse assim como a necessidade por pesquisar, estudar e ensinar sobre a Guerra do Paraguai faz-se necessário para desconstruir velhos chavões e interpretações que permeiam não só as opiniões, mas o ensino de história, como também a própria historiografia.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHOPPIN, Alain. O Historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**. Tradução de Maria Helena Camara Bastos. Pelotas, ASPHE/FaE/UFPel, 2002.

_____. História dos Livro Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 3, São Paulo, 2004.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai. História e Historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, pp. 11-26.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Produção didática de História: trajetórias e pesquisas. **Revista de História**. São Paulo, nº 164, p. 87-516, jan./jun. 2001

_____. Livros e materiais didáticos de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, pp.295-324.

FAUSTO, Boris. A Guerra do Paraguai. In. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, pp. 208-217.

GASPARELLO, Arlete Medeiros. A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920). **Cadernos de Ensaios e Pesquisas (UFF)**, 2003, Niterói, v. 8.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão e outros. Campinas: Unicamp, 1990.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. Rocha Pombo: uma leitura da América na virada do século XX. **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC**, UEPB, 2013.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda. Progresso e modernidade na produção jornalística e literária de José Francisco da Rocha Pombo: uma sensibilidade para um mundo novo. **XXVII Simpósio Nacional de História**. ANPUH, Natal, 2013, pp.1-11.

POMBO, Rocha. **História do Brasil**. 9ª ed. Revista e atualizada por Hélio Vianna. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1960.

SANTOS, Ivan Norberto dos. As concepções de História na *História do Brasil* de Rocha Pombo. **XIII Encontro de História**. ANPUH, Rio de Janeiro, 2008, p.7.

SILVA, Alexandra Lima da. **Escritas de viagem, escritas da história:** estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (Tese de doutorado), 2012.

_____. Pelo Brasil afora: caminhos da educação nas notas de viagem de Rocha Pombo. **Revista da UFS**, Volume 5, Número 9, Sergipe, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009.

SQUINELO, Ana Paula. Nesta “efeméride” o que temos a comemorar? O ensino de História e a Guerra do Paraguai 150 anos depois - análise da Coleção Didática Projeto Radix: História (PNLD 2014). **Historiæ**, Rio Grande, v.5 (1): 2014, p. 262-295.

_____. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros-PNLD 2011. **Diálogos**, v. 15, n. 1, p. 19-39, 2011.

_____. Debates historiográficos contemporâneos: a Guerra do Paraguai e suas vias discursivas. Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varella (org.). **Caderno de resumos & Anais**

do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. **A dinâmica do historicismo:** tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008, p. 1-10.

_____. As representações imagéticas da Guerra do Paraguai nas obras *História do Brasil (1900)* e *Nossa Pátria (1917)* de Rocha Pombo. In: LOBO-SOUSA, Ana Cristina; TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas; VIEIRA, Thaís Leão (orgs.). **Diálogos e relações de poder.** São Paulo: Verona, 2015, pp. 125-149.

_____. Concepções Historiográficas e Ensino de História: a Guerra do Paraguai nas Coleções Didáticas *Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania* (PNLD 2014). **Diálogos** (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1121-1139, set.-dez./2015.

TAVARES, Mariana Rodrigues. Refletindo e escrevendo o Brasil: Rocha Pombo e a produção historiográfica na primeira República. OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda; BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (orgs.). **Caderno de resumos & história intelectual.** Ouro Preto: EduFOP, 2011, p.1-12.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Recebido em: 23/05/2016

Aprovado em: 31/05/2016

Publicado em: 06/08/2016

NOTAS

305

ⁱ Este texto foi apresentado inicialmente como Relatório Final do Plano de Trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica CNPq-PIBIC da UFMS/CPAq no período de 2013 e 2014 sob o título: “Da Nação pensada a Nação construída: Rocha Pombo e o Manual Didático História do Brasil (1900)”; ressaltamos que empreendemos alterações para publicá-lo no formato de artigo científico.

ⁱⁱ Em relação ao conceito de Memória servimo-nos da definição de Jacques Le Goff: “[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva cuja busca é uma das

atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia”. (LE GOFF, 1990, p. 476).

ⁱⁱⁱ No que se refere ao conceito de ideologia tomamos o definido por Michel Vovelle: “[...] conjunto de representações, mas também de práticas e comportamentos conscientes ou inconscientes”. (VOVELLE, 1991, p. 11).

^{iv} Obras publicadas: *Honra do Barão*, 1881; *Dadá*, 1882; *A religião do belo*, 1882; *Petrucello*, 1889; *Nova crença*, 1889; *A supremacia do*

HISTÓRIA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: ROCHA POMBO E A GUERRA DO PARAGUAI NO MANUAL DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL (1900),
DE ANA PAULA SQUINELO E CAMILLA DE SOUZA CORDEIRO CAMPELLO

ideal, 1889; *Visões*, 1891; *A Guairá*, 1891; *In excelsis*, 1895; *Marieta*, 1896; *No hospício*, 1905; *O Paraná no centenário*, 1900; *História da América*, 1900; *Contos e pontos*, 1911; *Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa*, 1914; *Notas de viagem*, 1918; *A religião do belo*; *Nossa Pátria*, com mais de 40 edições; *História do Rio Grande do Norte* e diversas obras didáticas e de História.

^v Considerada como uma das mais importantes batalhas travadas durante a Guerra do Paraguai, no dia 11 de Junho de 1865, nas

margens do rio Riachuelo, afluente do rio Paraguai, na Província de Corrientes na Argentina.

^{vi} Professor e pintor da Academia Imperial de Belas Artes, nascido dia 18 de Agosto de 1832 em Santa Catarina, se aliou ao projeto de renovar a imagem do Brasil, pintando obras históricas, a fim de construir novos símbolos.